

Colégio Est. Dr. Eduardo Bahiana

ALUNO:

DATA: ____ / ____ / ____

TURMA:

DISCIPLINA: FILOSOFIA

PROFESSOR: MANUEL ANTONIO

Jürgen Habermas

Jürgen Habermas é um dos pensadores mais influentes do pós- Guerra. Seu pensamento abarca diversos temas – direito, política, história, ética – que se entrecruzam chegando ao final a um único ponto: o homem na sociedade. Sua vida é conchedora dos abusos e desvios do poder, desde a crueldade dos campos de concentração em Auschwitz até o terror do 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Nasceu em Dusseldorf, no ano em que o mundo passava por uma grande crise econômica, 1929. Este fora, também, o ano da fundação da Universidade de Frankfurt, que mais tarde daria ao mundo uma plêiade de intelectuais que marcariam o pensamento filosófico para sempre. Daquele centro de excelência do conhecimento, surgiu a Escola de Frankfurt, da qual Habermas faria parte. Por pouco tempo teve seu nome ligado aos frankfurtianos da Segunda Geração, pois preferiu, independentemente, trilhar caminhos próprios ao postular a sua **teoria da ação comunicativa**.

“Quando secam os oásis utópicos, estende-se um deserto de banalidade e perplexidade.”

O pensamento habermaseano faz coro com a crítica desferida à metafísica tradicional e tenta “desconstruir o paradigma da modernidade iniciado por Descartes e Locke, configurado na oposição racionalismo versus empirismo”. Em outras palavras, a teoria proposta por Habermas tem como objetivo dar à razão um limite, pois o endeusamento da racionalidade pode chegar a extremos iracionais. Veja-se o caso dos **totalitarismos**, que, ao se apegarem a solipsismos inconsequentes, geram projetos de poder contaminados de desvios. Este tipo de racionalidade é rechaçada por Habermas por ser subjetivista e porque a própria razão não fez a crítica a si própria.

Nesses termos, o modelo de racionalidade expedido na **modernidade por Descartes** deve ser posto à análise e à crítica. Desse modo, entendem Martins e Aranha que “o paradigma da racionalidade moderna precisa ser contestado, mas não por meio do irracionalismo e, sim, pela atividade crítica da razão mais completa e mais rica, que dialoga e se exerce na intersubjetividade”. Assim, o modelo que Habermas nos oferece é o do uso da razão comunicativa; não subjetivista, mas dialogal.

Diálogo: ponte para uma sociedade mais solidária. Nessa perspectiva, o viés que nos é apresentado é o da construção dialogal entre as pessoas, que, por sustentabilidade dos argumentos expostos, chegam ao consenso. Assim, a linguagem, a palavra, o discurso têm importância decisiva na tarefa de se chegar ao consenso e, por conseguinte, à ética. Esta construção dar-se-á pela **“pluralidade de vozes”** que argumentam em busca do consensual. Notemos, aqui, a importância que a palavra tem no mundo da vida das pessoas e na sociedade. Não era assim que os gregos – povo da palavra – tentavam sanar os **problemas da polis**? Certamente.

Entretanto, há que se ter cuidado diante das artimanhas sofísticas e falaciosas de que alguns se valem para persuadir. Nenhum interesse particular deve sobrepor aos da comunidade, pois, sendo o consenso construído por um pseudodiscocurso, este revelará sua inautenticidade diante dos interesses da maioria. A ética do indivíduo não deverá estar acima do “todo” coletivo. Nesse sentido, o professor Olinto Pegoraro nos diz que “Habermas, partindo de um ponto de vista universal, de um lugar de observação e de julgamento pelo qual as contendas podem ser arbitradas imparcialmente e por consenso, não quer construir uma ética da obrigação como Kant, mas uma teoria ou instância de validação da norma existente feita por ‘nós’ e não por uma consciência solitária, solipsista e intimista”.

Esse modelo do qual Habermas – juntamente com Karl-Otto Apel (1922) – se vale é pautado, sobretudo, no diálogo. Este seria o aspecto de maior relevância na construção de uma sociedade mais equânime e tolerante. Registre-se que, como mencionamos acima, a ojeriza que nosso filósofo tem a qualquer ato de terror e intolerância contra a humanidade. Talvez por isso tenha encontrado na linguagem, no diálogo, o meio possibilitador da construção de uma sociedade mais solidária. Desse modo, como afirma C. Helferich, “a forma básica de seu pensamento é, portanto, reflexiva, ou seja, auto-referente [...]. Assim, o ponto de partida da reflexão não é – como em Kant – o pensamento solitário do indivíduo, mas o discurso, a argumentação em comum, sempre mediatizada pela linguagem”. No entanto, argumentar exige compromisso. E o discurso não pode ser vazio de sentido, pois, se assim for, não se sustentará e, consequentemente, será descartado pelos outros.

Dessa forma, não temos como fugir da argumentação. Todos nós precisamos de argumentos como condição vital. O jornalista se utilizará deles para evidenciar a notícia; o advogado, para defender seu cliente; o publicitário, para vender seu produto; o professor, para fazer com que o aluno comprehenda; o político, para convencer que é o melhor candidato; o operário, para mostrar que merece aumento salarial etc. Os exemplos são inumeráveis. O certo é que a todo instante estamos a fazer discursos e buscando o consenso. Quando isso não ocorre, está aí a Justiça para resolver os conflitos; e mesmo que isso ocorra, as situações litigiosas não escaparão à esfera dos argumentos. “A situação da argumentação é, portanto, inescapável. Argumentar significa fazer valer pretensões por meio de argumentos; em outras palavras significa que aquele que argumenta, sempre se comprometa”, diz-nos Helferich

💡 **Teoria da ação comunicativa**

O estudo de Habermas aposta na emancipação e na libertação dos indivíduos em virtude de um processo constante de interação com vistas a elaborar uma verdade concebida pelos grupos e que seja aceita pela sociedade. Mais informações no site: www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/dissertacoes/2000/maristela.pdf

💡 **Totalitarismos**

As sociedades totalitárias não prezam o debate e tentam silenciar qualquer discurso que fuja do consenso monológico de idéias. Autores como **George Orwell**, em **1984**, e **Arthur Koestler**, em **O Zero e o Infinito**, discorrem como o indivíduo fica sem a possibilidade de manifestar sua opinião contrária aos regimes. A noção do outro é absolutamente esquecida nesse tipo de regime.

💡 **Modernidade por Descartes**

René Descartes, por ter estabelecido os pressupostos para o método científico, é considerado um dos primeiros filósofos da modernidade – entendendo a modernidade como o movimento que caminha rumo ao progresso pela capacidade racional.

💡 **“Pluralidade de Vozes”**

A busca por pluralidade de vozes é, para alguns autores, o objetivo fundamental para chegar mais próximo da verdade. De acordo com essa interpretação, não é possível alcançar a verdade absoluta apenas uma versão dos fatos, por exemplo.

💡 **Problemas da polis?**

A **pólis** grega representa até hoje um modelo para a civilização ocidental, sobretudo, na organização das cidades. Conforme se lê no livro **“História da Cidadania”**, os gregos desempenharam um papel central na construção desse conceito ao longo da História.

Fonte: <http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/16/artigo181121-1.asp>